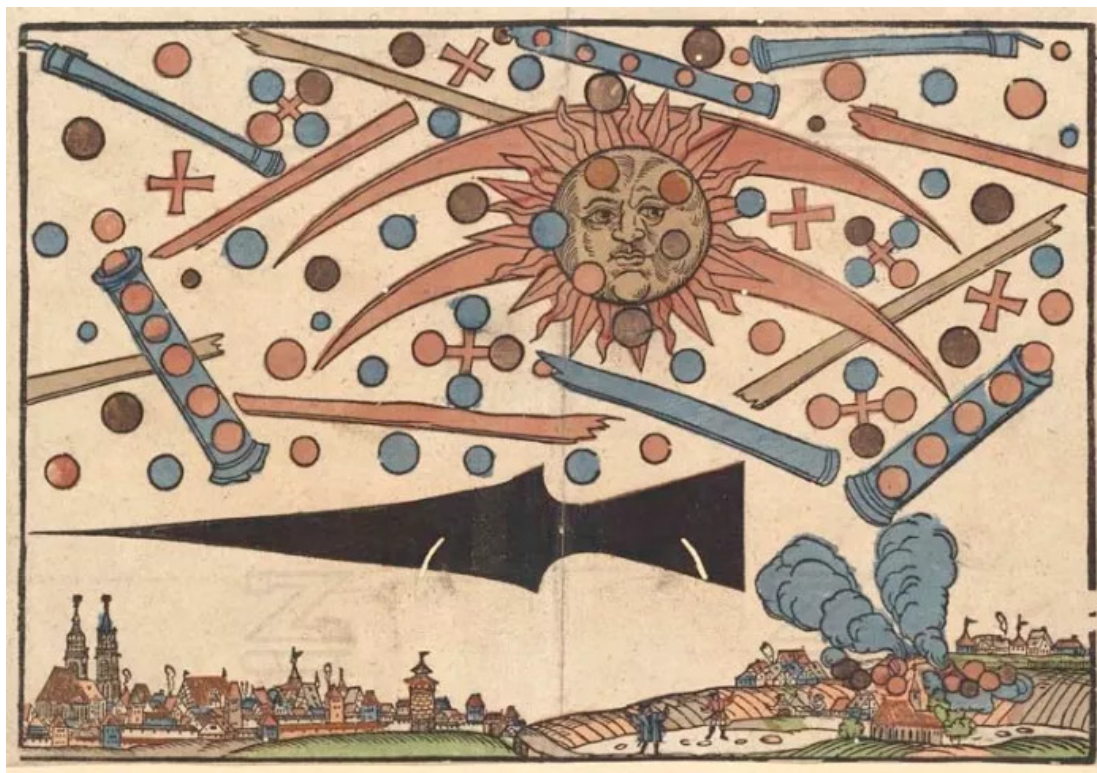


A Grande Batalha no Céu de Nuremberg



Na hora em que os primeiros raios de sol tingem de rosa os telhados de telhas vermelhas de Nuremberg, nesta terça-feira, 14 de abril de 1561, os moradores que acordam cedo para abrir suas lojas e bancas de mercado não têm motivo algum para esperar que o céu esteja prestes a lhes oferecer o espetáculo mais estranho de suas vidas. No entanto, mal o dia desponta, um estremecimento de terror corre de rua em rua, de janela em janela.

O que as crônicas da época descrevem com uma precisão assombrosa — e um terror não disfarçado — assemelha-se menos a um fenômeno natural do que a uma demonstração de poder vinda de outro lugar. Dezenas, talvez centenas de cidadãos são testemunhas oculares. Não é um sonho, nem uma visão mística: é um acontecimento coletivo, ancorado na realidade material do céu da Baviera.

O que os olhos contemplaram

As testemunhas descrevem unanimemente o aparecimento de dois gigantescos cilindros negros deslocando-se pelas alturas. Dessas estruturas colossais brotam enxames de objetos menores: esferas azul-negras, cruces cor de sangue, discos de um branco deslumbrante. O céu de Nuremberg naquela manhã não é mais um vazio azul — é um palco agitado de entidades desconhecidas em movimento.

Em seguida começa o que os contemporâneos só conseguem descrever em termos de combate. As formas se chocam, se enfrentam, giram em um balé violento e incompreensível. O acontecimento dura quase uma hora. Termina de maneira não menos espetacular: vários dos objetos parecem lançar-se diretamente em direção ao disco solar e desaparecer nele. Outros caem nos arredores da cidade.

Documento de Arquivo — Gazeta de Nuremberg, 14 de abril de 1561

«[...] aproximadamente 3 em comprimento, às vezes quatro em quadrado, muitos permaneciam isolados, e entre essas bolas via-se uma quantidade de cruces da cor do sangue. Em seguida viram-se dois grandes tubos, nos quais havia tubos pequenos e grandes, bem como 3 bolas, e também quatro ou mais. Todos esses elementos começaram a combater uns contra os outros.»

O fenômeno não fica sem registro escrito. Hans Glaser, impressor de ofício, publica em 14 de abril de 1561 — naquele mesmo dia — uma gravura em madeira acompanhada de um texto relatando os fatos. Esse documento, conservado nos arquivos da Zentralbibliothek de Zurique, constitui até hoje uma das primeiras descrições ilustradas de um fenômeno aéreo inexplicado na história ocidental.

Um texto, três séculos de enigma

O que devemos ler nessa gazeta de 1561? Durante gerações, o texto de Hans Glaser foi catalogado entre as curiosidades da imprensa antiga — um testemunho da credulidade medieval, dirão uns; uma alegoria religiosa, argumentarão outros. Os historiadores especializados na história das mentalidades veem nele antes de tudo o reflexo de uma época em que o céu era percebido como o domínio de Deus, dos anjos e dos presságios.

Mas a partir do século XX, um novo olhar se volta para esse documento. Os ufólogos — pesquisadores especializados em fenômenos aéreos não identificados — enxergam nele um dos testemunhos mais antigos e mais bem documentados de um encontro com objetos voadores não identificados. O próprio Carl Jung, em seu ensaio de 1958 dedicado aos «discos voadores», menciona esse caso como exemplar da maneira pela qual as crenças coletivas moldam a percepção de eventos extraordinários.

As hipóteses diante do mistério

As explicações racionais propostas pelos cientistas contemporâneos não faltam. Alguns meteorologistas invocam um fenômeno do tipo *parélio*— esses «falsos sóis» produzidos pela refração da luz através de cristais de gelo suspensos na atmosfera. Outros se inclinam por relâmpagos globulares, auroras boreais de baixa latitude, ou uma chuva de meteoritos excepcionalmente densa.

Essas explicações tropeçam, no entanto, na duração do fenômeno — uma hora inteira — e na coerência das descrições entre as diferentes testemunhas. A variedade de formas relatadas (cilindros, esferas, cruzes, discos), seu movimento aparente e seu combate descrito em termos quase táticos são difíceis de conciliar com um único fenômeno atmosférico. O caso de Nuremberg permanece, cinco séculos depois, arquivado sem resposta definitiva.

Nuremberg não está sozinha

O que torna o caso de Nuremberg ainda mais perturbador é que ele não está isolado. No verão de 1566, a cidade suíça de Basileia vive um fenômeno semelhante: inúmeras testemunhas veem esferas negras encher o céu e se defrontarem diante do sol nascente. Uma gravura de Samuel Apiarius imortaliza por sua vez esse episódio. Duas cidades, duas gravuras, dois testemunhos convergentes — com cinco anos de intervalo.

Fenômenos celestes inexplicados são igualmente relatados nos anais japoneses do século XVII, em crônicas eclesiásticas irlandesas da Idade Média, e em vários textos da Antiguidade. A humanidade não esperou pela era espacial para perscrutar o céu com perplexidade.

Um céu que ainda fala

Hoje, à medida que os governos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França desclassificam progressivamente seus dossiês sobre fenômenos aéreos não identificados — rebatizados discretamente de UAP, *Unidentified Aerial Phenomena*— o caso de Nuremberg recupera uma relevância inesperada. Lembra que a questão não é nova.

Naquela manhã de 14 de abril de 1561, os habitantes de Nuremberg não dispunham de radares, nem smartphones, nem satélites. Tinham apenas seus olhos, sua memória e sua pena. E o que viram — cilindros, esferas, cruzes, discos, combate e queda — continua desafiando nossa compreensão do mundo. Talvez s

OVNI - 30 mai 2026 - Wakonda - CC BY 2.5